

## UMA CASA TODA MÃE

*Batista de Lima*

Este livro, *Uma casa toda mãe*, é uma casa toda crônica. É uma casa toda fala. Grita pelos compartimentos, respira por portas e janelas. Possui um alpendre que é quem primeiro dá boas-vindas a quem chega e é o último a dar adeus a quem parte. Tem histórias que o vento esqueceu nas cumeeiras. Sua, sofre e soa. Seu passado é um pouco opaco, pois não foi escrito nem inscrito nos alfarrábios dos cartórios nem das oratórias. Seu piso onde se pisa não fala tanto quanto o que está por baixo dos alicerces ou muito mais acima do telhado. Os pássaros cantam e encantam nos seus arredores. As nuvens se dão as mãos e escrevem loas no firmamento. Essa mãe é toda casa.

Essa casa é a terceira pele de quem nela habita. Do terreiro das alvissaras ao quintal das despedidas, ela encobre seus peitos que eram dois potes, um da água dormida, outro da água do dia. No seu por trás, há um monturo que conta a história dos tempos, naquilo que ali foi jogado. É uma casa sertaneja que cochila na tarde quente, cheira a café torrado, pão com manteiga da terra. Possui um pilão deitado, guardado sem serventia, e um moinho jacaré, guardado do esquecimento, pois aquilo que mastigavam, mastigado já vem. Essa casa tem borralho feito de cinzas gritantes, que avisam ao dono da casa que cinza um dia ele também será.

Essa casa é uma dor sem jeito, de tanto chorar ausências. É tanto que o olhar de minha mãe está inscrito ainda teimosamente no olhar das mulheres da terra e no olhar gris que o luar me esconde. Por isso faço meu traço no compasso do cansaço até vencer o poder do passo. O que tenho feito é cantar o inverso do verso, o desencanto do canto, a vantagem do medo, o perfume da dor, as desventuras

do tombo. Do meu povo, carrego ainda o jeito esquisito de dobrar esquinas. Por isso tenho treinado para caçador de palavras, mas sempre esbarrando no poder absolutista da frase. Diante desse drama, choro, e quando choro, não é pelo fato de ser tão pequeno, mas pelo ato tão pequeno que é me esconder para poder chorar.

Essa casa tem uma casca que separa o lado de dentro do lado de fora. Tem superfície encobrendo profundidades. Por ela passa um rio de muitas margens feitas de histórias, verdadeiras e mentirosas, que de tanto serem contadas viraram verdades que não se contestam. Os que nela chegam se abismam de tantos abismos que ela retém. São abismos como baús guardadores de histórias. É um ali de tão profundo que se tornou um acolá em que a saudade do mundo põe seus ovos da cor do ouro. Ali as palavras se enclausuram cada vez mais difíceis para a pronúncia. É tanto que se eu soubesse as razões da seca, eu cantaria o bailado triste das folhas que sempre caem.

Do alpendre daquela casa que nestas páginas vai, vê-se no céu uma lua que toda nua é uma nave que nada lado a lado com a nuvem núbia. Daquele alpendre vislumbro Taperoá, uma Macondo esculpida e sete lagoas secadas que a falta de chuva faz. Dali, tudo que fica é porque fugiu da ida e tudo que volta é porque fugiu da fuga. Ali vingam caminhos em que curvas se regalam. Bem perto dali há um açude com homens pescando peixes e eu na beira d'água pescando palavras que eles dizem sem pensar que eu as estou pescando. Daqui do leste de tudo, tenho pensado tanto nos outros que chego a me esquecer de mim. Nessas horas só me recordo de quando eu menino escrevia o que bonito achava nas páginas de um caderno Avante com o Hino Nacional nas costas.

Este livro é uma Itabira que Drummond me empresta, querendo ou sem querer. É minha Mancha com Rocinantes cavalgados por Dulcineias. Este livro é minha Pasárgada em que sinos de Belém bimbam e repinham na hora que escolherei. Nele cabem Clarice e

Raquel, Duília e Lolita, Natércia e Cecília, Fideralina e Maria Bonita. E toda palavra nele escrita é uma claridade sobre um abismo, um relâmpago esculpido, um pilão e uma pernetta com bordados feitos a mão pelo mestre seleiro Expedito. Este livro traz mais a fala das coisas do que meus soluços sem graça, quando não vejo nos pertos belezas que os longes me trazem.

Quando nasci, já trazia aos ombros uma grande saudade do mundo. Vivi tempos de horas apunhaladas, mas bebi a salmoura das incertezas, um pouco além da curva da esperança. O meu avô viveu 91 anos sobre os escombros das profecias, olhando as funduras de um açude seco, enquanto Neruda viveu quase isso em busca do que sobrou do mar, e eu estou aqui a tirar alguma coisa do quase nada. Minha cidade às vezes é minha demência, noutras é minha ternura, mas foi nela que instalei meu espojador e amo seus trapos, sua glória e sua história. Nela venho tentando pintar assombros, mas me falta a cor predileta dos espantos.

Ah? Minha Fortaleza de todas as Nossas Senhoras, principalmente da Assunção. Quão grande casa tu és. Quando Antônio Girão disse que engravidara de ti, não sabia que eu ia parir versos, loas e livros, lendo o que ele escrevia, ouvindo o ronco do mar e o apito da fábrica de tecidos. E a velha pergunta: – Por que não paras, relógio? Mesmo que ainda me iluda com essa paisagem despedaçada de minha cidade que ficou grande. Poderia falar muito mais dessas coisas, mas palavras são panos poucos para cobrir tantos abismos. Afinal o que aqui não digo muito mais dito se torna. O que mais me revela é o que menos revelo.

O que tenho sido é um ermo pesado de interrogações, vendo meu pai no alpendre, carregado de sabenças e meu avô acometido de sonhos. Quanto às mulheres, lá está minha mãe costurando nuvens numa colcha de retalhos e as meninas adolecidas portando olhares mortícios, procurando substantivos entre as ripas do telhado para as

festas padroeiras. Quanto à chuva fina e neblinosa, que vem cantar no telhado, são lágrimas dos que se foram nos olhos dos que ficaram. Tudo ali olha para o leste para ver o milagre do sol que nasce parido por uma aurora carregada de prenúncios. É então que meu avô, antes de se desperdiçar, faz o sinal da cruz e dá por encerrada a treva.

Nós que escrevemos, criamos musas para suprir solidões, saudades até do que inventamos. Tanto cismamos o mundo, que nos aconchegamos à sombra das perguntas. É tanto que o ontem nunca volta e o amanhã está sempre à nossa frente, rindo da nossa impotência de não tê-lo agora. Ao pé de tudo há uma parede sem porta e um grito solto na capoeira com o cabresto sem nó, solto no lombo das perguntas. Entretanto, foi para encurtar distâncias e dirimir espantos que se inventou a palavra. E com tanta velhice no corpo ela continua a nos encantar. Ave palavra! Caixa de Pandora, claridade dos escuros, balceiro de epifanias, amontoado de alumbramentos, depósito de transfigurações. Ave palavra, amém.